

Custos e benefícios da agricultura urbana na zona leste de Londres

Um texto para discussão

James Petts

E-mail: James@sustainweb.org

Foto 1: Sustain - entre os motivos para cultivar os pequenos lotes hortícolas estão o lazer, a terapia e o abastecimento de hortaliças frescas

Foto 2: Sustain - produtores exibem com orgulho as hortaliças que cultivaram

Foto 3: Sustain - a agricultura urbana pode oferecer muitas oportunidades de trabalho, treinamento e educação

Agradecimentos a Geoff Snelling, Jenny Usher, e Claire Pritchard e Vicki Hird of Growing Communities por suas contribuições para os estudos de casos. Este texto não representa, necessariamente, os pontos de vista da Sustain ou de qualquer de seus membros.

Os estudos para calcular a contribuição da agricultura urbana para a geração de renda têm dificuldade para avaliar com precisão as quantidades de alimentos produzidos, pelo motivo de, geralmente, não incluírem as atividades agrícolas



informais. Uma estimativa (Blair e outros, 1991) calculou que os cerca de 30.000 produtores urbanos de Londres produzem aproximadamente a mesma quantidade de hortaliças e frutas que as empresas do ramo. Os preços também são difíceis de serem medidos devido às flutuações e às variações nos diferentes mercados.

Introdução

Este estudo explora algumas das questões atuais e os aspectos econômicos da agricultura urbana e periurbana na zona leste de Londres. Uma análise formal dos custos e benefícios econômicos está além do alcance deste texto.

Pretende-se, entretanto, pôr em discussão a necessidade de apoiar o desenvolvimento de uma economia alimentar sustentável na zona leste londrina, apoiar empresas sociais sustentáveis, e repensar o relacionamento de nossas cidades com a produção de alimentos.

Questões e situações atuais

A “pegada ecológica” de Londres (1) é calculada em 125 vezes a superfície da capital, e cerca de 40% dessa área é dedicada à produção de alimentos para os londrinos. (Giradet 1995). Por ano, os residentes de Londres, acompanhados pelos visitantes e trabalhadores não residentes, consomem 2,4 milhões de toneladas de alimentos e produzem 883.000 toneladas de lixo orgânico. (Murray 1998). A produção local de alimentos dá uma contribuição importante ao PIB londrino, e cerca de 11% de todos os empregos são gerados por esse setor. (Heasman 1999).

A região de Lea Valley, na zona leste de Londres, exemplifica a decadência de antigas áreas produtoras de hortaliças. Essa área, no passado grande produtora de alimentos, encolheu desde a guerra por causa da relativa falta de mão-de-obra e da competição com os produtos importados, graças ao comércio globalizado de alimentos. Os poucos produtores que ainda trabalham lá ocupam uma área de 120 hectares quase toda coberta por estufas, apresentando alta produtividade. São cerca de 200 empresas hortícolas cujos plantios variam de cerca de 0,5 ha a 10 ha, com tratos culturais automatizados e muito cultivo hidropônico, quase sempre usando substrato de turfa e fertilizantes artificiais.

Esses sobreviventes da agricultura urbana poderiam fornecer uma oportunidade para redesenvolver, modificar e diversificar o setor na direção de um sistema mais sustentável. Isso iria provocar novos melhoramentos na tecnologia utilizada, com a conversão para métodos orgânicos de produção, o desenvolvimento de empresas sociais sustentáveis, e a produção voltada para mercados locais (feiras de produtores), utilizando a infraestrutura existente e enriquecendo os modos de produção e o sistema de distribuição de alimentos em Londres.

A agricultura urbana na zona leste de Londres não é mais apenas uma resposta às crises ou mera estratégia paliativa, como já foi considerada. Hoje as atividades comerciais são motivadas principalmente pelo lucro, embora alguns produtores - particularmente os orgânicos - a tenham como aspecto de uma "filosofia" relacionada às suas vidas, e vêem na agricultura mais do que um mero meio de ganhar dinheiro. As atividades agrícolas fornecem um meio para os grupos de baixa renda aumentarem seu acesso a frutas e hortaliças frescas, juntamente com outros benefícios, contribuindo para a nutrição e segurança alimentar dos lares. Isso é de particular

importância para as comunidades da zona leste de Londres, que enfrentam problemas para conseguir alimentos frescos, no que chamamos às vezes de "pobreza alimentar". A horticultura recreativa e as iniciativas de plantio comunitário não são financeiramente lucrativas, especialmente quando os rendimentos de alternativas de trabalho - que poderiam ser realizado pelas mesmas pessoas no mesmo tempo - são considerados.

O caso de Geoff

Geoff Snelling tem sido titular de dois lotes em uma horta comunitária há mais de 15 anos, em Redbridge. Os dois lotes que ele cultiva somam cerca de 18 x 27 m. Ele cultiva uma grande variedade de frutas e hortaliças, e transforma seu lixo em composto. Ele prefere cultivar principalmente produtos mais valorizados, como aspargo, amora silvestre, e variedades raras de batata. Seus motivos para se dedicar à horticultura são o aspecto terapêutico e o suprimento de produtos frescos e puros. Geoff e sua mulher mantêm uma dieta principalmente vegetariana e praticamente toda seu consumo de frutas e hortaliças é suprido pela horta. Ele dá os excedentes para seus familiares ou troca por produtos de outros titulares de lotes. No verão, Geoff dedica entre 30 e 35 horas por semana na horta, e no inverno trabalha lá por 10 a 15 horas. Ele paga £52 (= US\$ 81, em julho de 2002) por ano, pelo aluguel dos dois lotes, à associação que mantém a horta comunitária.

A Política Agrícola Comum da União Européia não permite subsídios para a horticultura ou para esquemas produtivos sustentáveis de pequena escala. Esse fator contribuiu para a carência de empresas produtoras de alimentos e hortaliças nas periferias urbanas, produzindo para os mercados locais londrinos. As áreas agrícolas na cidade e em seus arredores estão sob permanente pressão de outras destinações, mais lucrativas, para os terrenos, como a construção de moradias e instalações comerciais e industriais. Isso é de se esperar conforme as cidades crescem, mas, particularmente por causa dos regulamentos municipais, significa que as áreas agrícolas nas periferias continuam grandes e produzindo colheitas comerciais como cereais e batatas para os mercados nacionais e internacionais, em vez de se dividirem em áreas menores e empregarem mais gente na produção de hortaliças e frutas para os mercados e indústrias alimentícias locais.

A infraestrutura necessária para o processamento, o armazenamento e a comercialização específicos para lidar com alimentos produzidos localmente, dentro de um sistema regional sustentável, ainda é insuficiente em Londres. Entretanto as empresas de processamento precisam contar com o suprimento regular e confiável de matérias primas, por parte dos



produtores, para poderem assegurar sua própria produção, com eficiência e produtividade. O armazenamento apropriado é importante para assegurar a regularidade e o equilíbrio diante das variações sazonais. Existe alguma integração vertical ligando o mercado e os produtores, em ambas as direções (ver a caixa sobre Jenny Usher). Entretanto, essa integração é relativamente limitada e com muita freqüência as empresas são levadas a se restringirem a uma lista reduzida de produtos mais fáceis de obter. Em 2001, os oito mercados de produtores em Londres contribuíram com mais de 3 milhões de libras para as receitas da cidade, e novos mercados do tipo estão sendo abertos. Os produtores devem exercer suas atividades a menos de 169 km de distância do mercado onde querem vender seus produtos, o dobro da distância que limita o acesso a outros mercados de produtores na Europa, mas de qualquer modo uma melhoria com relação aos quase mil km que é a média da distância que os produtos alimentícios frescos viajam antes de chegar a Londres (Envolve 2001).

Ligações mais efetivas entre a cidade e sua periferia e o maior desenvolvimento da agricultura urbana podem ser uma proteção eficiente para Londres contra eventuais "choques" econômicos externos, tais como o rápido aumento de preços e problemas com o abastecimento causados por fatores como doenças e crises nos sistemas de transporte e distribuição de energia. Essa proteção irá fortalecer a segurança alimentar e aumentar a sustentabilidade da capital inglesa. A atividade beneficia mais os pequenos produtores informais, já que em Londres os grandes atacadistas, as grandes redes varejistas e os supermercados têm acesso privilegiado ao mercado global de alimentos.

O caso de Jenny

Jenny Usher é uma produtora orgânica em Essex, a 32 km de Londres. Jenny cultiva 3,2 hectares com temperos, frutas, hortaliças e plantas de estufa, e evita produtos vendidos em grandes quantidades, como batatas e cenouras. Sendo também comerciante de alimentos frescos, os produtos de seu próprio cultivo representam 10% de tudo que vende, em média (podendo chegar a 40% no verão e cair até 5% no inverno). O que ela não produz, compra de atacadistas. Jenny efetua suas vendas tanto em sua própria fazenda como através de um sistema de entrega de cestas (30 cestas por semana) e em mercados especializados em alimentos orgânicos (que representam mais da metade do seu faturamento). A crescente oferta de alimentos orgânicos nos supermercados está enfraquecendo o mercado onde ela tradicionalmente fazia suas vendas. Jenny fatura cerca de £100.000 por ano, suficientes para pagar suas contas e eventualmente produzir um pequeno lucro líquido. Ela também nota que o custo com transporte e perdas na produção devidas a pestes são ameaças freqüentes à sua lucratividade. Jenny trabalha cerca de 40 horas semanais, e, além de uns poucos trabalhadores esporádicos, ela emprega um pessoa por 35 horas semanais, no verão, e por 18 horas semanais no inverno.

Embora exista um grande avanço do setor da alimentação orgânica na Inglaterra, poucos produtores domésticos têm se beneficiado com isso. A produção doméstica tem crescido a uma taxa inferior à demanda, com o resultado do aumento das importações de alimentos orgânicos da Europa e de outras partes do mundo. (Soil Association, 2001). Cadeias de suprimento mais longas podem fazer crescer o risco de fraudes, afetando as vendas e a confiança do consumidor. O selo 'orgânico' apenas descreve o método de produção e não as transformações pelas quais o produto possa ter passado durante a viagem até o mercado. Entretanto, qualquer proposta para criação de "certificação de produto local" ou "sustentável" deve ser abordada com cuidado.

Apesar de a produção local de alimentos em Londres contribuir hoje com uma fração reduzida para o total de comida consumida na cidade, ela poderia contribuir com muito mais. Uma estimativa (Garnett 1999) calculou que a agricultura urbana londrina poderia fornecer 20% da demanda local por frutas e hortaliças, além de quantidades significativas de outros tipos de alimentos.

Custos e benefícios

As oportunidades de emprego e de treinamento em agricultura urbana poderiam ser aumentadas no setor econômico relacionado à produção e à distribuição de alimentos em Londres e nas atividades relacionadas, como viveiros de mudas, processadores e indústrias auxiliares. As atividades agrícolas na cidade, especialmente quando orgânicas, empregam geralmente mais mão-de-obra do que os sistemas mais industrializados. Entretanto, o desemprego na zona leste de Londres, assim como no Reino Unido como um todo, não é mais uma questão política ou problema social tão importante como foi nas décadas de 80 e de 90 (embora algumas áreas

na zona leste de Londres apresentem altas taxas de desemprego). Mais crítico para as empresas dedicadas à produção local de alimentos é não encontrar trabalhadores treinados ou ter que pagar muito por eles. O treinamento em horticultura, processamento de alimentos, etc. irá desenvolver as habilidades de uma mão-de-obra hoje ociosa e aumentar a "empregabilidade" dos participantes. A proximidade de seus locais de moradia e de trabalho economiza tempo e esforços e reduz os custos diários relativos ao transporte.

O caso da "Growing Communities"

A Growing Communities é um sistema bem estabelecido de distribuição de cestas com produtos orgânicos na zona nordeste de Londres. O grupo distribui cerca de 180 cestas por semana, principalmente para famílias, sendo 20% delas de baixa renda. Os fornecedores incluem uma fazenda em Oxfordshire, outras em East Anglia, e muitos outros lugares durante o verão. No inverno, o grupo também compra de atacadistas, tendo a política de não comprar nada de fora da Europa, com exceção de bananas. O custo mensal para receber uma cesta típica de hortaliças por semana é de £35. Receber semanalmente uma caixa de frutas custa £78 por mês. O grupo agora está iniciando a entrega de caixas mistas. A Growing Communities tem 8 funcionários de horário parcial e conta com a ajuda de 2 a 5 voluntários. O esquema de venda em cestas semanais é considerado viável financeiramente e gera um pequeno lucro que é reinvestido no sistema.

Os benefícios externos à agricultura urbana incluem reduções de custos para outros setores incluindo os serviços de coleta, transporte e destinação do lixo da cidade. Reciclar o lixo orgânico reduz os custos associados com a criação e manutenção dos aterros sanitários. A agricultura em Londres poderia desempenhar um importante papel em qualquer estratégia para redução do lixo planejada pelas autoridades municipais, já que o lixo orgânico destinado principalmente para os aterros sanitários custa à prefeitura a quantia de £66 milhões por ano [=US\$110 milhões] (Informação do gabinete do Prefeito, 2001).

Outras reduções de custos trazidas pela agricultura urbana, que podem ajudar as autoridades municipais e o setor privado, estão ligadas à redução da infraestrutura necessária para lidar com enchentes, com o tratamento de água e sistemas regulatórios, e à possíveis melhoramentos na saúde da comunidade e na produtividade do trabalho. O órgão responsável pela água do Rio Tâmisa gastou recentemente £ 350 milhões em um sistema avançado de tratamento de água, associado a uma campanha pela redução do uso de pesticidas, visando reduzir a frequência de testes positivos para a presença desses agrotóxicos na água potável. (Thames Water Ltd 2001). A internalização desses custos externos produziria economias para as famílias e para as finanças municipais, e encorajaria métodos mais sustentáveis de agricultura.

Novos empreendimentos agrícolas na cidade podem envolver altos custos iniciais. O custo da terra, das máquinas e da mão-de-obra podem tornar-se uma barreira importante para se iniciar tal



atividade por causa do elevado capital inicial e os altos custos com mão-de-obra necessários para competir com empresas já existentes e com produtos importados. As reduções de custos propiciadas pela agricultura urbana não são geralmente internalizadas, indo contribuir para outros setores. Elas também podem ocorrer ao longo de um certo número de anos.

Outros obstáculos que restringem a expansão da agricultura urbana na zona leste de Londres incluem a precariedade das atividades relacionadas à produção (processamento, armazenamento, pontos de venda etc.) e a competição com os alimentos importados. O custo do transporte dos produtos até o mercado também pode ser um fator importante para determinar a viabilidade econômica da atividade.

Oportunidades e desafios

A produção informal de alimentos em Londres dá uma importante contribuição para a economia e para a sustentabilidade da capital, e colabora para a segurança alimentar das famílias.

Estima-se que cerca de 30.000 produtores em pequenas áreas na cidade produzem quase tantas hortaliças quanto as empresas especializadas, cerca de 7.460.000 toneladas por ano, enquanto que muitas pessoas também cultivam alimentos em quintais e até em caixotes nas janelas. (Garnett, 1999) Entretanto, são necessárias políticas que atendam às necessidades dos produtores urbanos, incluindo cuidados com os solos contaminados, o acesso institucionalizado aos terrenos, maior apoio municipal e a distribuição de áreas para a produção de alimentos para quem deseje produzir, durante o tempo em que esteja produzindo..

O apoio estratégico por parte das autoridades locais e regionais, incluindo a Autoridade da Grande Londres (GLA) e a Agência para o Desenvolvimento de Londres (LDA), é essencial. As estratégias da GLA, de monitoramento e pesquisa da agricultura urbana, e da LDA, de financiamento para o desenvolvimento de atividades sustentáveis, podem encorajar a

sustentabilidade alimentar na capital inglesa - motivar as empresas "menos sustentáveis", e dinamizar a economia formal de alimentos. Recentemente a GLA criou um grupo de trabalho para estudar as questões relacionadas com a alimentação na cidade, inclusive a produção urbana de alimentos.

Também existe, em Londres, uma rede independente chamada London Food Link que está engajada com o grupo de trabalho da GLA para encorajar a produção urbana sustentável de alimentos em lotes e em pequenas fazendas da periferia.

Criadas pela forte demanda, existem em Londres muitas oportunidades para a agricultura e a horticultura urbanas, explorando nichos tais como frutas e hortaliças, ovos, laticínios, produção de carne de frango, boi e peixes (Garnett, 1999). Essas oportunidades oferecidas pela demanda precisam ser acompanhadas pelo aumento da oferta para possibilitar oportunidades de consumo mais igualitárias e acessíveis aos diferentes grupos sócio-econômicos que convivem na cidade.

Um programa de investimentos mais efetivo na infraestrutura para a produção de alimentos no vale do rio Lea, hoje bastante deteriorado, é necessário para revitalizar esta atividade econômica, que já foi tão importante na região.

Nota

1. Pegada ecológica - a área e os recursos necessários para fornecer os produtos e serviços demandados por uma cidade ou região.

Referências

- Blair D, CC Giesecke and S Sherman. 1991. A dietary, social and economic evaluation of the Philadelphia urban gardening project. *Journal of Nutrition Education* 23(4): 161-167.
- Envolve website. 2001. <www.envolve.co.uk/n005> (maio).
- Garnett T. 1999. *City Harvest: the feasibility of growing more food in London*. London: Sustain.
- Giradet H. 1995. *Urban Growth and the Environment*. Congress Report, Hong Kong.
- Mayor's Draft Municipal Waste Strategy. 2001?. Londres.
- Murray R. *Reinventing Waste: towards a London waste strategy*. Lancaster: Ecologika.
- Heasman M. 1999. *Getting a Quart from a Pint Pot: Restructuring and the UK Food Industry. The Impact on the West London Food Economy*. London: West London

Training and Enterprise Council.

- London Farmers' Markets Ltd. 2001. London: LFM Ltd.
- Soil Association. 2001. Organic Food and Farming Report. Bristol: Soil Association.
- Thames Water Ltd. 2001. Annual Report. London: Thames Water Ltd..

[Sumario Revista No.7](#)